

No visual urbanizado de hoje, as referências ao tempo da construção da nova capital subsistem em pequenos núcleos, onde ainda vivem alguns dos que acompanharam todas as etapas da transformação da Cidade Livre

Alma de interior

Cidade, que hospedou os primeiros trabalhadores engajados na trabalhosa missão de construir Brasília, completa 53 anos e ainda abriga alguns desses pioneiros, que não abrem mão do clima de vila ainda reinante no local

Os traçados originais das ruas revelam o clima interiorano do lugar. Nas esquinas, senhores e senhoras trocam experiências e prosas num amigável ambiente de vivência. Lá, todos se conhecem e se protegem. O Núcleo Bandeirante — cidade-mãe de Brasília, que conta com pouco mais de 42 mil moradores — comemora hoje 53 anos de existência. Cinco décadas de muita história para contar. Dos moradores mais jovens aos mais antigos. A lembrança de tempos sem luz, água ou asfalto e quando

tudo que se via no horizonte eram barracos irregulares em meio à terra vermelha toma lugar junto ao contagiante clima de interior da cidade.

Benedito Antunes da Rocha, 87 anos, lembra até hoje do dia em que chegou ao antigo vilarejo. “Era 14 de maio de 1957 e isso aqui era cerrado puro. Tinha um ou dois barracos de tábuas. O Plano Piloto se resumia a um brejo”, recorda. Mineiro de Paracatu, Benedito morava em Cristalina (GO) quando foi chamado para trabalhar na construção de Bra-

sília. O operador de máquinas pesadas era um dos muitos pioneiros que chegaram com o mesmo objetivo: ganhar a vida. Todos se acomodaram nos **berços** da sonhada capital de Juscelino Kubitschek: Núcleo Bandeirante e Candangolândia. Os espaços provisórios cedidos por fazendeiros foram povoados. Após a construção, entre lojas, pousadas, hotéis e áreas de invasões da cidade — como o Morro do Urubu, o Morro do Querosene e as Vilas Esperança, Tenório, Iapi e Sarah Kubitschek —, havia 12 mil habitantes.

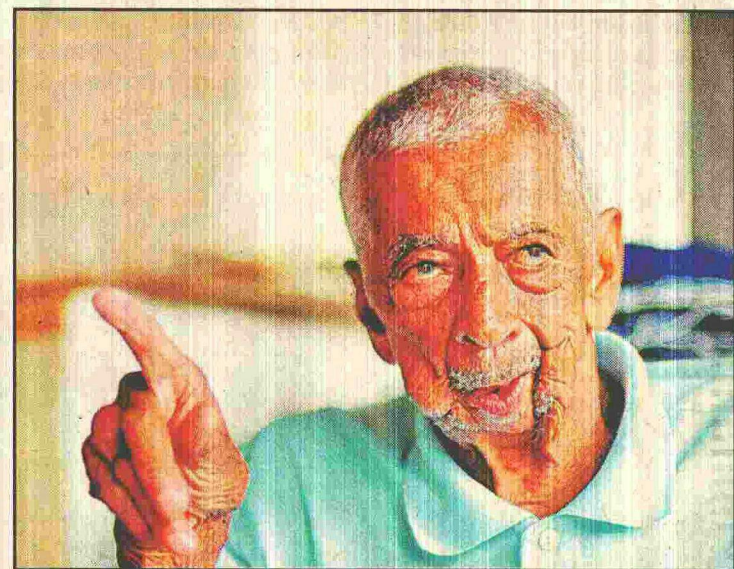
Mas a Cidade Livre ia desaparecer. Aquela situação era provisória. E, quando estava prestes a sumir do mapa, moradores se uniram no Movimento Pró-Fixação e Urbanização, que envolveu até pedido oficial ao então presidente Jânio Quadros. O resultado foi satisfatório. Em dezembro de 1961, foi sancionada a lei que fixava a cidade e a rebatizava de Núcleo Bandeirante e que, três anos depois, passou a

“Nascentes” de Brasília

Esses berços eram chamados de Cidade Livre, em referência à liberdade de encargos fiscais para os comerciantes se instalarem. A área havia sido cedida por fazendeiros goianos ao governo somente para fins comerciais. A ocupação dos candangos deveria ser provisória. Assim que a construção de Brasília terminasse, em 1960, os lotes deveriam ser devolvidos.

integrar a Região Administrativa de Brasília. Naquela época, Bené, como Benedito é conhecido na cidade, abandonou o barraco em que morava para viver no bairro mais antigo da cidade, a famosa Metropolitana, onde está até hoje. Foram 14 filhos ao longo dos anos e “mais ou menos” a mesma quantidade de netos. Amélia Barbosa de Brito, 74, a esposa de seu Bené, perde as contas. “Acho que são uns 13 ou 14. São tantos que nem me lembro mais”, diverte-se.

Quando pensa na família já



Seu Bené tem memória afiada: “O Plano Piloto se resumia a um brejo”

criada, o casal de pioneiros agradece pela vida passada no Bandeirante. “Hoje, isso aqui é uma cidade. Pode até ter seus problemas, mas eu não sairia por nada. Acho que foi um bom lugar para viver antes e continua sendo hoje”, afirma seu Bené. A dona de casa Adercina Marques da Silva, 78, concorda com ele. Em 1960, ela foi para a cidade acompanhar o marido, Valdivino Gomes da Silva, que chegara três anos antes para trabalhar como pioneiro. Dona Adercina saiu de Araguari, no interior de Minas Gerais, e conta

que muitas vezes o companheiro, que já morreu, tentou convencê-la a voltar para a terra natal dos dois. “Eu respondia: ‘Pra quê? Sempre fui feliz no Bandeirante, muito mais do que lá. Tenho tudo que preciso e não tenho vontade de voltar’”, recorda. As mudanças daquele tempo ainda são visíveis para ela, que viu tantas famílias se acomodando na cidade. “Quando eu cheguei, tinha muita gente vindo para cá. Eram pessoas com sonhos de uma vida melhor, sem os problemas antigos. Era um novo começo”.